

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER			CÓDIGO DA FICHA			
			ES	01	00	02
			UF	SÍTIO-	Loc	ANO
				F60		02
				FICHA		NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Goiabeiras Velha
LOCALIDADE	Goiabeiras Velha
MUNICÍPIO / UF	Vitória, ES

1. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Fabricação das painelas de barro de Goiabeiras
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, Artesanato cerâmico de Goiabeiras.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

2. EXECUTANTES

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE OS ENTREVISTADOS VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Ver Anexo Contatos – 01 a 63 Associação das Paneleiras de Goiabeiras – APG	☒ MASCULINO ☐ FEMININO	
OCUPAÇÃO	Paneleira, tirador de barro, escolhido de barro, casqueiro, alisadora, tirador de painela, comerciante A DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	ver Anexo 4 25/03/1987	
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ APRENDIZ ☒ OUTROS APG – Instância de organização e valorização do ofício e seus produtos	☒ PRODUTOR ☐ VENDEDOR ☐ PÚBLICO ☐ EXECUTANTE	

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.



Extração do barro no Vale do Mulembá, vendo-se ao fundo as bolas já prontas



Vista interna do Galpão da Associação da Paneleiras



“Escolhedor”, preparando o barro para as paneleiras



Etapa de “puxada” da panela

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

ES 01 00 02 F60 02



Moldando a borda da panela



Colocando a "orelha" na panela, antes de virá-la para acabamentos e primeira secagem



Raspando e arredondando o fundo da panela com a faca



A gente aprende brincando

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	ES	01	00	02	F60	02
--	----	----	----	----	-----	----

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

ES 01 00 02 F60 02



Tampas e panelas secando ao sol



A Queima: ateando fogo à lenha sobre a “cama” e panelas



Tirando a panela do fogo, com uma vara de 2 m



Tirando a panela do fogo, com uma vara de 2 m



Pintando a panela, com a tintura tanino e a vassourinha de tanino

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	ES	01	00	02	F60	02
--	----	----	----	----	-----	----

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

ES 01 00 02 F60 02



Panelas prontas para a venda



Festa em defesa do barreiro do Vale do Mulembá, com venda de panelas de Goiabeiras e atividade orientada para crianças



Festa em defesa do barreiro: presença das Bandas de Congo



Festa em defesa do barreiro: presença das Bandas de Congo

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

ES 01 00 02 F60 02

1. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

A fabricação artesanal das panelas de barro de Goiabeiras é o ofício das Paneleiras de Goiabeiras Velha, localidade de ocupação bastante antiga, hoje parte do tecido urbano da Cidade de Vitória. A atividade eminentemente feminina, constitui um saber repassado "de mãe para filha" por gerações sucessivas, no âmbito familiar e comunitário. Utiliza técnica cerâmica de origem indígena, caracterizada pela modelagem manual, queima a céu aberto e aplicação de tintura de tanino. O processo de produção das panelas de barro utiliza tradicionalmente matérias-primas provenientes do meio natural: a argila é extraída do barreiro, no Vale do Mulembá, localizado na Ilha de Vitória; a casca de mangue-vermelho, com que é feita a tintura de tanino, é coletada diretamente do manguezal à beira do qual a população da localidade se fixou. Da mesma forma, dois dos principais instrumentos do ofício – a cuia e a vassourinha – são feitos a partir de espécies vegetais encontradas no entorno. A atividade compreende diversas etapas que envolvem diferentes executantes, ficando o trabalho de coleta e transporte das matérias-primas mais frequentemente a cargo dos homens, embora ainda se encontre paneleiras que vão pessoalmente retirar o barro na jazida. É o meio de vida de mais de 120 famílias nucleares, muitas das quais aparentadas entre si, e envolve um número crescente de executantes, atraídos pela demanda do produto. As panelas de Goiabeiras são geralmente vendidas pelas paneleiras, nos seus locais de produção, embora haja pontos de venda no comércio local. A venda direta possibilita aos consumidores observar o modo de fazer as panelas e obter, das próprias artesãs, informações quanto às suas características e orientação quanto ao seu uso, incluindo as receitas da moqueca, do pirão e da torta capixaba.

4. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Por tradição a atividade é familiar e doméstica. No imaginário da população local, a atividade ocorre *desde sempre*, em Goiabeiras Velha. Grande parte das paneleiras continua trabalhando nos quintais de suas casas, ocupações antigas na localidade. A partir da fundação da Associação das Paneleiras de Goiabeiras e da construção do Galpão doado pela Prefeitura, muitas paneleiras passaram a trabalhar ali.

Galpão da Associação – edificação construída pela Prefeitura Municipal de Vitória em 1987, como alternativa de espaço para a prática do ofício, uma vez que os quintais de muitas das paneleiras foram sendo reduzidos em razão do aumento progressivo da ocupação familiar. Está situado dentro do núcleo urbano de Goiabeiras Velha, à margem do manguezal existente ao fundo da Baía de Vitória, tendo em sua vizinhança residências e uma oficina mecânica de automóveis. A quadra defronte à rua do Galpão pertence a um único proprietário, dono de uma fábrica de lajes e manilhas pré-moldadas. Trata-se de uma estrutura com cobertura em telha de cimento amianto e paredes em bloco de concreto. Segundo a presidente da AGP, o Galpão é espaço de trabalho para trinta e duas paneleiras e cerca de oito auxiliares, entre escolhedores de barro, alisadores e viradores de panela (situação de agosto de 2002).

4.2. MARCOS NATURAIS E/ OU EDIFICADOS

A atividade está associada ao **manguezal** e ao canal que separa a localidade de Goiabeiras Velha da Ilha de Vitória. Do mangue é extraída a casca da árvore com que as paneleiras preparam a tintura para a impermeabilização e pigmentação da panela. O **canal**, braço de mar que margeia o mangue, é a antiga rota de acesso ao barreiro no Vale do Mulembá e ao mercado.

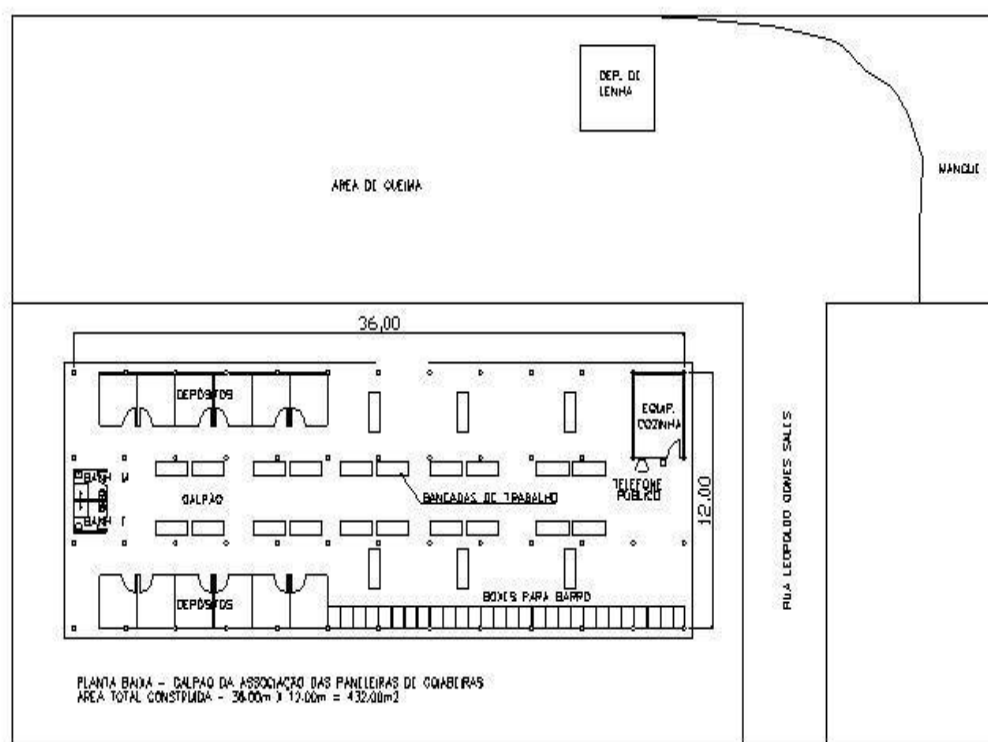
O principal marco edificado é o próprio Galpão, ponto para onde converge o fluxo de visitantes e turistas que buscam conhecer as paneleiras e o seu modo de fazer as tradicionais panelas de barro de Goiabeiras.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER
ES 01 00 02 F60 02

Galpão: situado à Rua das Paneleiras, nº 55, Goiabeiras, Vitória, ES.

Está localizado na margem continental do mangue, dando para o terreiro onde é armazenada a lenha e realizada a queima das panelas; tem uma área construída de 432 m², com telhado de amianto apoiado sobre pilares de concreto; possui duas entradas, uma principal, dando para a rua, e outra lateral, dando para o terreiro; sobre o grande portão da entrada principal está a placa de identificação da Associação das Paneleiras de Goiabeiras; as fachadas laterais, tanto a que dá para o mangue como a que faz divisa com o lote vizinho, são de meia-parede, com a parte superior em alambrado; ao fundo estão localizados os banheiros e os depósitos; a maior parte da área coberta abriga as bancadas de trabalho das paneleiras, onde é realizada a modelagem das panelas; nos espaços próximos às bancadas ficam depositadas as panelas para secagem. O Galpão é dividido conforme a planta abaixo:


5. TEMPO
5.1. PERIODICIDADE

Durante todo o ano.

5.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER								ES	01	00	02	F60	02
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001		
x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		

6. BIOGRAFIA

A maioria dos indivíduos entrevistados tem suas vidas ligadas à localidade de Goiabeiras Velha e à fabricação das painelas de barro, seja enquanto mestres do ofício – paineleiras, coletores de matérias-primas – ou como auxiliares, ou ainda, como comerciante. Dos 63 entrevistados, 47 pertencem a nove das famílias mais antigas envolvidas com o ofício, seja por laço de parentesco ou casamento. Seus sobrenomes são: Lucidato, Corrêa, da Victória, Alves, Ribeiro, Gomes, Fernandes, Barbosa e Rodrigues.

Dos 60 entrevistados residentes em Goiabeiras, 51 moram lá desde que nasceram; 5, desde a infância; e 4 há mais de 10 anos. Apenas três residem fora da localidade, mas vêm diariamente para trabalhar. É nesse convívio doméstico que tradicionalmente se dá o aprendizado do ofício: 57 entrevistados aprenderam com familiares e 5 aprenderam com vizinhas; dentre eles, 44 aprenderam na infância e 18 na idade adulta. Uma das entrevistadas aprendeu na escola.

A progressiva valorização cultural e econômica da atividade e de seu produto se expressa também na demanda da prefeitura pela inclusão do saber das paineleiras em programas educacionais e comunitários, o que resultou na contratação temporária destas artesãs para ensinarem a modelagem de painelas nas escolas municipais. Das 49 paineleiras entrevistadas, 30 ensinaram a familiares e vizinhos e 10 ensinaram em escolas.

Em 2001, durante a pesquisa, o ofício foi citado como meio de vida de 61 dos entrevistados, dos quais 51 têm parentes que também sobrevivem da atividade. Um terço dos entrevistados tentaram outra ocupação fora do ofício, tendo posteriormente retornado a ele. Muitos entrevistados mencionaram como motivação o orgulho de saber fazer a painela e o reconhecimento público da importância do ofício, conforme comprovam as inúmeras matérias jornalísticas, o interesse de diferentes instituições, e estudos acadêmicos sobre o grupo (ver Anexo 1: Bibliografia).

A 25 de Março de 1987, por iniciativa de liderança política local, cerca de 5 paineleiras fundaram a Associação das Paineleiras de Goiabeiras, entidade constituída para proteger a categoria, defendendo seus interesses e as condições objetivas de permanência do ofício. À época foram priorizadas a preservação do barreiro e a construção do galpão, destinado a abrigar a atividade das paineleiras que já não dispunham de espaço disponível em seus quintais.

A jazida de argila estava ameaçada pelo projeto, do governo estadual, de instalação de uma estação de tratamento sanitário no Vale do Mulembá, no mesmo local onde está situado o “barreiro”. A ameaça ainda se mantém em 2002, após a assinatura de sucessivos termos de acordo entre as partes – Companhia Espiritosantense de Saneamento – CESAN e Associação das Paineleiras de Goiabeiras – APG – dispondo sobre a permissão de uso da argila, sob inúmeras condições.

A APG tem sido o principal canal de negociação das paineleiras junto ao poder público e iniciativa privada, na busca de apoio para a fabricação e promoção de seus produtos. Através da Associação as paineleiras têm participado de feiras de artesanato, conseguido material promocional e realizado a Feira Anual das Paineleiras, entre outras conquistas.

O apoio de instituições públicas e privadas em nível municipal, estadual e federal, tem sido fundamental para a divulgação do trabalho realizado pelas paineleiras. Essa divulgação é feita, entre outras formas, através de *folders*. O inventário identificou cerca de 14 exemplares (ver Anexo 1).

Em 1999, haviam 102 paineleiras associadas. Durante a realização deste Inventário, entre março e maio de 2001, dos 63 entrevistados, 51 eram associados e 12 não-associados. Em seu mais recente cadastramento, realizado em outubro de 2001, a Associação relacionou 55 paineleiras em atividade. Em agosto de 2002, a Presidente da APG, Sra. Berenicia Corrêa Nascimento, informou que havia mais 15 paineleiras esperando sua inscrição.

7. ATIVIDADE

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

ES 01 00 02 F60 02

A origem da atividade é desconhecida por grande parte das paneleiras. Algumas a atribuem aos índios, outras aos índios e negros e outras ainda, à tradição. De todo modo, o ofício das paneleiras constitui um saber enraizado na comunidade, transmitido de mãe para filha há várias gerações.

Na historiografia, a primeira referência encontrada à *panela* é a de Auguste Saint-Hilaire, em seu livro *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce* (1815), que a ela se refere como “*caldeira de terracota, de orla muito baixa e fundo muito raso ...*”, usada na produção de farinha, informando que “*fabrica-se também num lugar chamado Goiabeiras, próximo da capital do Espírito Santo*”.

O arqueólogo Celso Perota atribui a técnica utilizada à herança *das tradições ceramistas pré-históricas Tupiguarani e Una, sobressaindo-se as usadas pela tradição Una* (ver Anexo 1), e mostra, no vídeo *Panela de barro – Uma Tradição Capixaba* (ver Anexo 2), cacos cerâmicos encontrados no morro Boa Vista, sítio arqueológico de ocupação indígena.

Artefato cerâmico utilitário, desde a origem, a panela de barro de Goiabeiras é parte do modo de preparar e consumir alimentos, e preserva seu uso e processo de produção com a utilização das mesmas matérias-primas e procedimentos técnicos, sem o registro de variações notáveis ao longo do tempo, como se confirma nos estudos e teses aqui referenciados (ver Anexo 1).

O interesse pelas paneleiras pode ser constatado nas 95 referências bibliográficas levantadas por este Inventário, entre matérias de jornais e outras publicações seriadas, livros, folhetos, documentos. A ampla divulgação das panelas de Goiabeiras sempre esteve associada ao preparo e consumo das moquecas de peixe e outros frutos do mar e à torta capixaba, conforme se vê nos diversos folhetos distribuídos pelas paneleiras, destacando “o prato típico capixaba”. Nesse todo indissociável estão reunidos a panela, o peixe e seu modo de fazer, que são a expressão do modo de ser capixaba.

Entre as modificações no modo de fazer, observadas pelas paneleiras durante a pesquisa, pode-se citar: antes trabalhavam sentadas e hoje trabalham de pé, sendo que uma delas atribui a mudança à necessidade de “*aumentar a produção*” (na verdade, as paneleiras sempre fizeram a “puxada” da panela em pé); muitas passaram a fazer outros formatos de panelas, formas de pizza, jarros, cofres de porquinho, etc. para atender a freguesia; algumas lembraram que antigamente não se açoitava a panela por dentro como se faz hoje, e outras disseram que a mudança mais significativa veio com a construção do Galpão da Associação e a transferência do local de trabalho.

Os tiradores de barro entrevistados mencionaram a mudança do meio de transporte: “*antes a gente pegava o barro de canoa*”.

O casqueiro, remetendo às recomendações de preservação ambiental, disse que a principal mudança na sua atividade é que “*agora não pode tirar toda a casca, senão a árvore morre*”.

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Poucas narrativas foram citadas pelos entrevistados, nenhuma delas de domínio coletivo. Foram mencionadas algumas referências à influência da lua na coleta do barro – “*antigamente tirava o barro na lua certa*” – que não foram aprofundadas. Mais recorrente foi a referência ao aprendizado com as gerações mais antigas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**ES 01 00 02 F60 02****7.3. CRONOLOGIA**

DATA	DESCRIÇÃO
Pré-história (Cerca de 1.000 A.C.)	Vestígios arqueológicos encontrados no morro Boa Vista, em Goiabeiras Velha, comprovam a existência de artefatos cerâmicos fabricados pelos povos indígenas nativos da região (tradições Tupiguarani e Una) com características semelhantes às das panelas produzidas pelas Panelleiras de Goiabeiras. (Cf. Celso Perota, no vídeo “Panela de Barro: uma tradição Capixaba”, SESC/SENAC. 2000).
1815	Referência à panela como “caldeira de terracota de orla muito baixa e fundo muito raso” usada para mandioca ; referência a um “lugar chamado goiabeiras, próximo da capital do Espírito Santo”, onde são fabricadas as caldeiras. (Cf. Saint-Hilaire, Auguste. Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce. Belo Horizonte: Itatiaia/USP, 1974, p.55.)
Período entre 1970 e meados dos anos 1980	Processo de urbanização da chamada Grande Goiabeiras, através do desmatamento de áreas de restinga e aterramento de áreas de mangue, transformando o antigo Distrito de Goiabeiras, setor norte do Município de Vitória, nos bairros de Goiabeiras, Bairro República, Hélio Ferraz, Jardim Camburi; abertura da Avenida Fernando Ferrari, que seccionou a localidade; isolamento do núcleo de Goiabeiras Velha, entre a Avenida Fernando Ferrari e o Canal da Passagem; abertura da Avenida Adalberto Simão Nader, que limita com a área de expansão do aeroporto; ampliação do Aeroporto de Goiabeiras; adensamento populacional da Grande Goiabeiras resultante da implantação do terminal portuário e da Companhia Siderúrgica de Tubarão e do campus da Universidade Federal do Espírito Santo;
Março 1987	Fundação da Associação das Panelleiras de Goiabeiras.
Janeiro 1988	Publicação do Decreto 3690-E que declara de utilidade pública para fins de desapropriação área de terra destinada à implantação de estação de tratamento de esgoto sanitário, no Vale do Mulembá, onde está localizada a jazida de argila das Panelleiras de Goiabeiras.
1988	Construção do primeiro Galpão da Associação.
Abril 1991	Apresentação do Projeto de Lei N ° 70/91, na Câmara Municipal de Vitória, instituindo o Dia das Panelleiras, a ser comemorado anualmente em 07 de Julho.
Julho 1991	Realização da primeira Festa (ou Feira) Anual das Panelleiras de Goiabeiras.
1992	Inauguração do novo Galpão, situado na Rua das Panelleiras nº 55.
Fevereiro de 1994	Termo de Acordo entre a CESAN, a Secretaria de Estado de Meio Ambiente do ES- SEAMA, e a APG, que dispõe sobre a exploração do Barreiro e dá outras providências.
2000	Abertura do Processo de Tombamento do modo de fazer as panelas de Goiabeiras pelo Conselho Estadual de Cultura
Março de 2001	Solicitação da APG, dirigida ao presidente do IPHAN, da instauração do processo de Registro do Ofício das Panelleiras de Goiabeiras, tendo em vista sua inscrição no Livro dos Saberes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	ES 01	00 02 F60 02
---	--------------	---------------------

8. PRODUTOS PATRIMONIAIS

8.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
As tradicionais panelas de barro de Goiabeiras são feitas com o mesmo material e a mesma técnica, variando nas dimensões do diâmetro e da altura, tendo denominações específicas. A mais rasa, para a moqueca e para a torta capixaba é chamada de <i>frigideira</i>; é o formato mais vendido para os restaurantes, nos tamanhos para 2 e 4 pessoas, com diâmetros em torno de 22 e 28 cm respectivamente. É comparativamente a mais baixa e a de borda mais aberta, com o diâmetro do bojo 3,5 vezes maior do que a sua altura. A panela mais alta é o caldeirão, para sopa ou feijão; a de altura média é usada para o pirão, o arroz de marisco, galinhada, e outros pratos com caldo. As paneleiras dizem que <i>se cozinha qualquer coisa na panela de barro</i>, mas que <i>peixe e marisco tem que ser na panela de barro</i>. As panelas, de diferentes tamanhos e alturas, são feitas com e sem tampa. São feitas também assadeiras, travessas e outros formatos, sob encomenda. As paneleiras comentam que costumavam vender a panela <i>casada</i>, isto é, duas panelas, a menor dentro da maior, <i>mãe e filha</i>. A produção média é de 14 panelas/dia (panela com tampa) por paneleira; no universo pesquisado, a média de panelas produzidas por semana pelas 49 paneleiras entrevistadas é de 3.400. Tirador de barro – um tirador de barro faz de 140 a 150 bolas de barro/dia. Casqueiro – um casqueiro tira em média 15 latas de casca/dia

8.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
1) Retirada do barro	Extração da argila na jazida do Vale do Mulembá, preparação das bolas e transporte até o local de trabalho, galpão ou quintal; anteriormente trazido por canoas, desde a década de 1980 o barro é transportado em caminhões; atividade predominantemente masculina, muitas vezes remunerada quando não é executada por familiares ou pela própria paneleira;
2) Escolha e/ou limpeza do barro	Feita no local de trabalho, às vezes por auxiliares parentes ou contratados, remunerados ou não; o barro é pisado até deixar a massa mais homogênea para ser modelada.
3) Coleta da casca de mangue-vermelho	Retirada da casca da <i>Rhizophora mangle</i> pelo casqueiro, que entra no manguezal de barco ou canoa, com a maré enchendo, mais baixa do que cheia; salta da canoa pega o balde e o saco, tira a casca quando está vermelha e leva para o barco; sai às 7 e volta às 16 horas. A casca é vendida socada ou inteira, a preços que variam de R\$ 4,00 a R\$ 5,00 a lata. Esta atividade foi orientada por pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo no sentido da preservação da espécie que fornece a matéria prima, limitando a coleta a 25% do anel do perímetro do tronco de cada planta.
4) Confeção da tintura de tanino	Depois de socada e macerada pelos casqueiros (coletores) ou pelas próprias paneleiras, a casca de mangue-vermelho é posta de molho por alguns dias na água, transformando-se na tinta vermelha que vai ser aplicada nas panelas após a queima.
5) Puxada / levantamento da panela	Modelagem da panela feita pelas paneleiras, a partir do barro escolhido, colocado sobre uma tábua; a forma é dada com as mãos, puxando / levantando o bojo, definindo a concavidade e a espessura com a cuia e modelando a borda com as mãos; com a faca são retiradas as impurezas e os excessos, com o arco;
6) Aplicação das orelhas e das alças das tampas	Modeladas a partir de roletes de barro, são fixadas nas bordas das panelas com os dedos. As paneleiras utilizam água para colar as orelhas e dar acabamento às panelas, isto feito, as panelas são postas novamente a secar até o dia seguinte, quando será trabalhado o fundo.
7) Modelagem do fundo	A panela é retirada da tábua e virada; o fundo chato é arredondado através da remoção dos excessos com o arco; a superfície externa é alisada com a faca, utilizada na limpeza e acabamento da peça;

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**ES 01 00 02 F60 02**

8) Alisamento	As painelas e as tampas secas são polidas pelo atrito de seixos rolados (pedra de rio) interna e externamente; etapa algumas vezes realizada por auxiliares especializadas, geralmente mulheres, remuneradas ou não.
9) Queima	A céu aberto as painelas secas são dispostas emborcadas, apoiadas umas nas outras, primeiro as maiores, sobre uma “cama” de ripas e tábuas de madeira (sobras de construção) e cobertas com lenha seca; a fogueira que atinge em torno de 600 graus é acesa e mantida por aproximadamente 30 minutos, variando conforme o tamanho das painelas. Após a queima as painelas são retiradas do fogo com uma vara com dois ganchos na ponta. A atividade exige força e sincronia de movimentos
10) Açoite	Pigmentação da painela com tintura de tanino aplicada com a vassourinha de muxinga sobre as peças em brasa, ao serem retiradas do fogo; esta etapa confere às painelas de barro de Goiabeiras sua característica coloração preta OBS. “ ...às vezes, durante o açoitamento, são detectadas pequenas rachaduras, que são reparadas esfregando o bastão de barro e depois, a casca seca. Dizem que por estar quente, cozinha”. (Carla Dias)
11) Comercialização	As painelas podem ser adquiridas por encomenda ou no varejo, diretamente das paineleiras, no Galpão ou em suas casas. Os principais pontos permanentes de venda, além do Galpão da Associação, são: o mercado da Vila Rubim; a loja do Arnaldo, no caminho do aeroporto; a rede de supermercados Extra Bom; e a loja do Aeroporto. Como evento promocional de seu ofício e de seus produtos, destaca-se a Feira Anual das Paineleiras de Goiabeiras, com sua 15ª. edição realizada em agosto de 2002, promovida pela Prefeitura e pelo Governo do Estado do Espírito Santo. Durante os quatro dias da feira, elas vendem as painelas, cozinham e servem moquecas, em meio a apresentações de cantores populares, locais e nacionais, e de bandas de congo. Cada vez mais freqüentemente, as paineleiras têm participado e vendido suas painelas em eventos e feiras de artesanato em diversos pontos do país. O mercado consumidor consiste de restaurantes, hotéis, lojas, feiras, supermercados, turistas e moradores de Vitória. Foram citados compradores: - no Espírito Santo: em Vitória, Manguinhos, Jacaraípe, Nova Almeida, Marataízes, Anchieta, Meaípe, Guarapari, Vila Velha, Linhares; - fora do Estado: em Angra dos Reis, Belo Horizonte, Curitiba, Recife, São Paulo, Sorocaba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Brasília. - fora do País: Boston, EUA. Do universo pesquisado (49 paineleiras), 24 têm clientes fixos e trabalham por encomenda; 19 vendem no varejo e as demais não informaram. Muitas encomendas são feitas diretamente às paineleiras pelo telefone vai-e-vem do Galpão da APG.

8.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
--------	--------

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**ES 01 00 02 F60 02**

Panelleiras	Artesãs ceramistas, as panelleiras são mestras no ofício e responsáveis por sua transmissão às gerações descendentes e aos vizinhos interessados; dominam todas as etapas do ofício e conhecem as respectivas matérias-primas e procedimentos técnicos. Executam, particularmente, a modelagem das panelas: a “puxada” com as mãos e depois com a cuia; algumas têm auxiliares para realizar as primeiras e últimas etapas: a retirada e escolha do barro, o alisamento, a queima e o açoitamento das panelas. Desde os anos 1990, a pedido da Prefeitura de Vitória, algumas panelleiras têm ensinado a fazer panela em escolas municipais.
<i>Tirador de barro</i>	Profissional da extração do barro da jazida no Vale do Mulembá. <i>Fura o chão</i> com os dedos para ver se o barro está bom; escava um buraco no chão, com uma enxada, até a profundidade de aproximadamente 1 metro; a partir daí retira o barro, que é molhado e pisado para a preparação das bolas. Cada bola de barro pesa em torno de 15 kg e é vendida a R\$ 0,50. Desde os anos 1980, as bolas são carregadas em caminhão ou carroça a frete e transportadas até o galpão da Associação ou até as casas das panelleiras. Anteriormente, o tirador levava o barro em carroça, do barreiro até o mangue, seguindo de canoa até Goiabeiras.
<i>Escolhedor de barro</i>	Auxiliar de panelleira, faz a limpeza do barro molhando, pisando e amassando as bolas de barro, retirando as impurezas e tornando a massa mais homogênea, melhor para ser modelada. Geralmente parentes homens ou auxiliares pagos realizam essa tarefa para as panelleiras, em seus quintais ou no galpão da associação.
<i>Alisadoras</i>	Auxiliares de determinadas panelleiras, geralmente parentes ou vizinhas, realizam o polimento das panelas, depois de secas, antes da queima; utilizam uma pedra de rio – seixo rolado – para alisar a superfície interna e externa; executam a tarefa mediante pagamento.
<i>Tirador de panela</i>	Auxiliar que retira as panelas em brasa da fogueira, após a queima, utilizando uma vara comprida com dois ganchos (garras) na ponta e depositando-as junto à panelleira ou auxiliar, para que sejam açoitadas.
<i>Casqueiro</i>	Profissional que coleta a casca do mangue-vermelho, árvore nativa do manguezal, para o preparo da tintura de tanino, utilizada no açoitamento de panelas. Ele entra no manguezal de bote ou canoa levando um porrete para bater na casca da árvore até soltá-la do tronco; leva saco e balde para carregá-la; traz a casca, de canoa, até Goiabeiras, onde vende para as panelleiras.
Comerciante	Empresário dono de ponto de produção e venda de panelas, localizado à beira da avenida que dá acesso ao Aeroporto de Vitória; tem 4 panelleiras trabalhando no seu quintal, cuja produção ele comercializa; o entrevistado eventualmente também faz panelas.
8.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Caminhão/ carroça.
QUEM PROVÊ	Prefeitura Municipal de Vitória/ fretistas e carroceiros locais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	ES 01	00 02 F60 02
---	--------------	---------------------

FUNÇÃO	Transporte do barro
DESCRIÇÃO	Canoa
QUEM PROVÊ	<i>Casqueiros.</i>
FUNÇÃO	Coleta e transporte da casca do mangue-vermelho.
DESCRIÇÃO	Locais de trabalho – Galpão da Associação, quintais das casas das paneleiras, quintal do Arnaldo.
QUEM PROVÊ	Associação das Paneleiras de Goiabeiras – APG; as próprias paneleiras e suas famílias; Arnaldo Gomes Ribeiro Filho
FUNÇÃO	Lugar onde são realizadas as diversas etapas do processo de produção das painéis.

8.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Barro / argila da jazida do Vale do Mulembá. As paneleiras chamam a jazida de Barreiro.
QUEM PROVÊ	<i>Tiradores de barro</i> , as próprias Paneleiras e suas famílias, Auxiliares / Barreiro do Vale do Mulembá
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Matéria-prima da modelagem. A argila utilizada é sempre da mesma proveniência – o barreiro no Vale do Mulembá – e comparativamente às outras, é bastante arenosa. Análises da granulometria de amostras da jazida indicaram que a composição média do barro é de 40% de argila, 26% de silte, 13% de areia fina, 13% de areia média e 8% de areia grossa. É essa característica de barro grosso que condiciona o modo de fazer – sem torno, nem forno – bem como a especificidade das painéis de Goiabeiras. Essa característica influi não só no aspecto como também na rapidez da secagem, na redução da presença de rachaduras, no rápido aquecimento durante a queima, e para evitar que as painéis estourem na fogueira. Influi ainda na propriedade de conservar o calor depois do cozimento – as moquecas são servidas borbulhando, e assim se mantêm por alguns minutos.
DISPONIBILIDADE	Existe um laudo dimensionando o tempo de esgotamento da jazida, em relação ao ritmo de consumo das paneleiras, em 106 anos, a partir de 1984. A licença para extração do barro, condicionada a uma série de exigências de caráter subjetivo, está concedida por meio de um Termo de Concessão de Uso, assinado entre CESAN/Governo do Espírito Santo (proprietária do terreno onde se situa a jazida) e a Associação das Paneleiras
DESCRIÇÃO	Casca do mangue-vermelho
QUEM PROVÊ	<i>Casqueiros</i>
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Matéria prima da tintura, contém tanino que age como selante quando aplicado sobre a superfície quente, o que faz também que a tintura vermelha torne-se preta, dando a cor característica da painela de Goiabeiras.
DISPONIBILIDADE	Manguezal da Baía de Vitória
DESCRIÇÃO	Enxada e enxadao
QUEM PROVÊ	<i>Tiradores de barro / comércio local</i>
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ferramentas utilizadas para retirar o barro da jazida.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	ES 01	00 02 F60 02
---	--------------	---------------------

DISPONIBILIDADE	Lojas de insumos agrícolas e de material de construção
DESCRIÇÃO	Água
QUEM PROVÊ	Companhia Espiritosantense de Saneamento - CESAN
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Para amolecer e alisar o barro e lavar os instrumentos.
DISPONIBILIDADE	Fornecimento da rede de abastecimento de água no Galpão e nas residências
DESCRIÇÃO	Lenha
QUEM PROVÊ	Fornecedores de lenha / sobras de construção
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Material usado para o suporte – estrado ou cama – das panelas na etapa da queima e como combustível para a fogueira.
DISPONIBILIDADE	Canteiros de obras, depósitos de entulhos e rejeitos de construção
DESCRIÇÃO	Tábua de madeira
QUEM PROVÊ	Panelleiras / comércio local
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Suporte para apoiar o barro durante a modelagem da panela.
DISPONIBILIDADE	Vendido em lojas de materiais de construção
DESCRIÇÃO	Cuia ou cuité
QUEM PROVÊ	Panelleiras e auxiliares / árvore de cuité encontrada na região
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Principal instrumento da modelagem, é feita de pedaço de cuité, fruto semelhante à cabaça, recortado e lixado; é usada para dar a forma curva à panela, abrindo e puxando a argila e definindo a sua espessura.
DISPONIBILIDADE	É colhido de árvores em quintais da região, ou comprado em mercados e feiras.
DESCRIÇÃO	Arco
QUEM PROVÊ	As panelleiras e seus familiares
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Parte de aro ou chapa metálica, desgastado em curva, usado para tirar o excesso de barro da superfície e dar o acabamento na panela.
DISPONIBILIDADE	Encontrado em serralherias ou Ferro-velho, na vizinhança.
DESCRIÇÃO	Faca
QUEM PROVÊ	Panelleiras e auxiliares / na própria residência
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Faca de mesa usada para a retirada de impurezas (pedrinhas, folhas e raízes) e alisamento da superfície das panelas.
DISPONIBILIDADE	Comércio local, supermercados.
DESCRIÇÃO	Pedra de rio
QUEM PROVÊ	Panelleiras e <i>alisadoras</i>

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**ES 01 00 02 F60 02**

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Seixo rolado, usado para alisar (polir) as superfícies internas e externas das peças depois de secas.
DISPONIBILIDADE	Margens do mangue
DESCRIÇÃO	Vara com ganchos, pinça
QUEM PROVÊ	<i>Tirador de panela</i>
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Instrumento feito de galho comprido com dois ganchos (garras) numa das extremidades; utilizado para retirar as peças em brasa da fogueira e colocá-las para serem açoitadas; exige destreza e precisão para evitar que as panelas se quebrem ou que as panelleiras se queimem.
DISPONIBILIDADE	Confecção própria, feita a partir de galhos de árvore e ferro vergado comprado em serralherias, lojas de material de construção.
DESCRIÇÃO	Vassourinha de muxinga
QUEM PROVÊ	Panelleiras, Auxiliares
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Instrumento feito de galhos de muxinga, planta rasteira nativa, resistente ao calor e ao impacto do açoite; distribui bem a tintura.
DISPONIBILIDADE	Matos da vizinhança

8.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.8. TRAJES E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Não há trajes especiais, mas os entrevistados informaram que costumam usar roupas velhas, pedaços de lona ou de pano grosso para se proteger da unidade, das manchas de barro e da tintura e do calor do fogo.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**ES 01 00 02 F60 02****8.9. DANÇAS**

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.10. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Não há.
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

8.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Panelleiras auxiliares e	Lavagem diária dos instrumentos, varrição do local de trabalho, proteção das peças inacabadas para controle da umidade.

9. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO	VENDE ☒ TROCA ☒ OUTRO	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒ NÃO ☐ COMPLEMENTO ☒	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☒ para 34 entrevistados para 28
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO

10. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Do universo de 63 entrevistados, entre março e maio de 2001, 52 eram associados da Associação das Panelleiras de Goiabeiras. A presidente da Associação informou que são 55 os associados, conforme o cadastramento realizado em outubro de 2001.

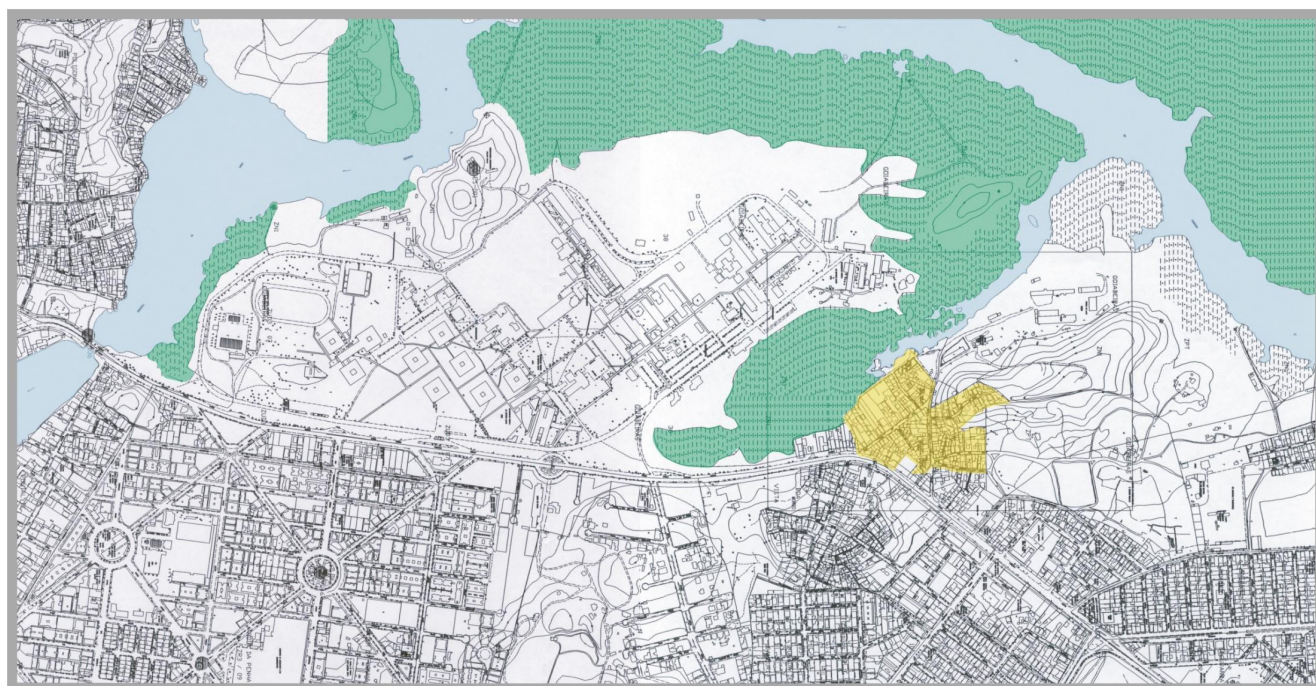
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

ES 01 00 02 F60 02

1. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Moqueca de peixe e de outros frutos do mar	ES-01-00-02-F60-02
Torta capixaba	ES-01-00-02-F60-03
Feira Anual das Paneleiras	ES-01-00-02-F60-04
Banda de Congo Amores da Lua	ES-01-00-02-F60-05
Banda de Congo Boi Estrela	ES-01-00-02-F60-06
Banda de Congo Panela de Barro	ES-01-00-02-F60-07

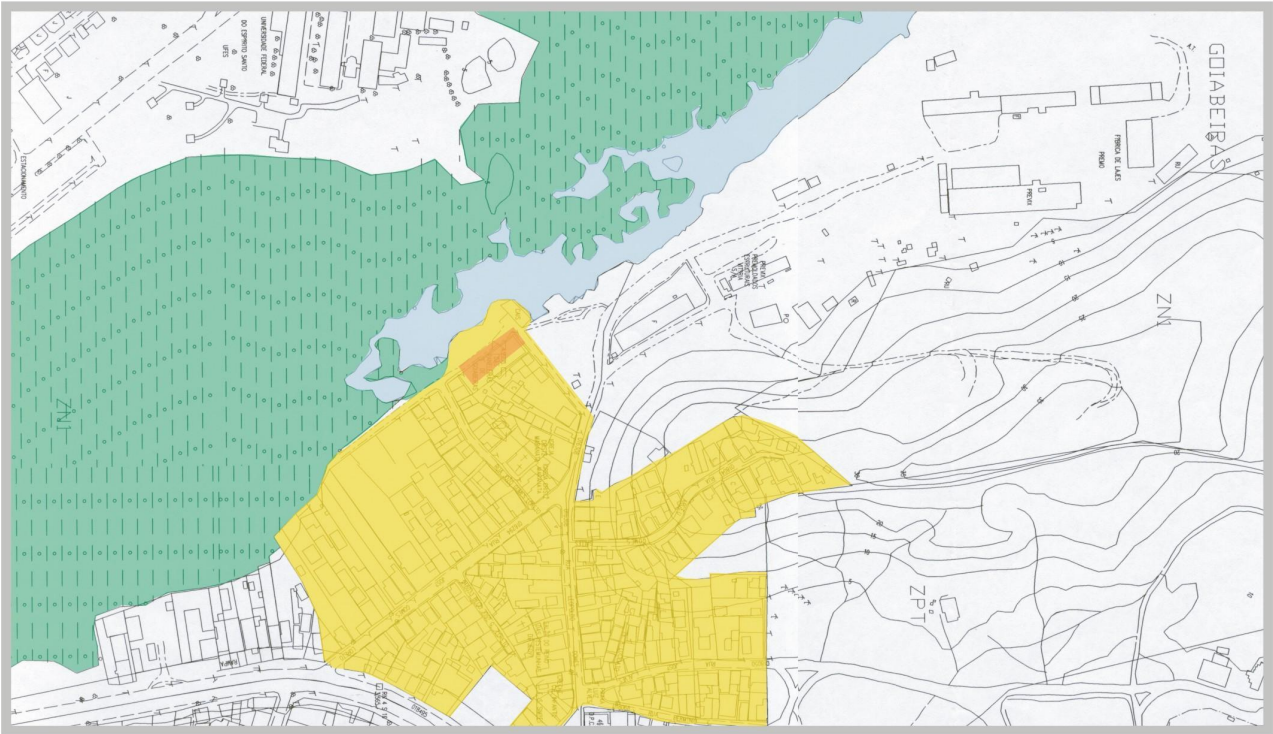
2. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



- Goiabeiras Velha
- Manguezal
- Canal do Mangue
- Galpão da Associação das Paneleiras

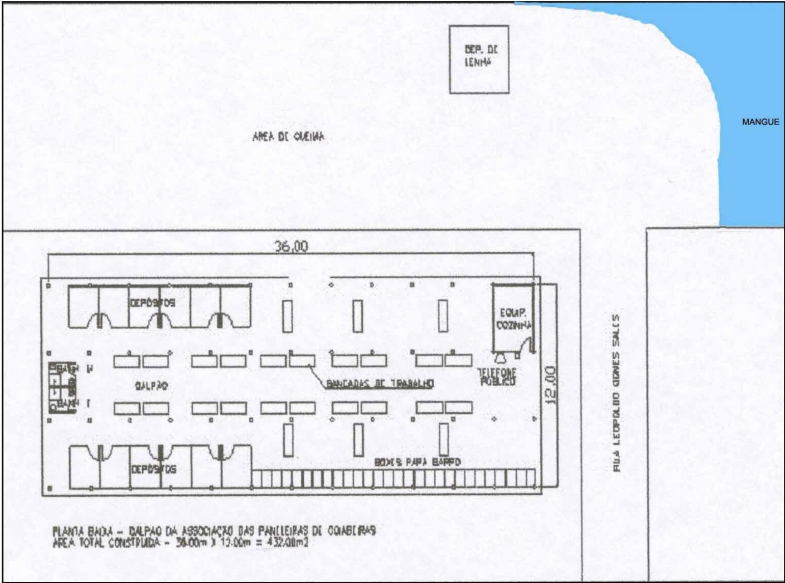
Região de Goiabeiras
Escala: 1/7500

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	ES	01	00	02	F60	02
--	----	----	----	----	-----	----



- Goiabeiras Velha
- Manguezal
- Canal do Mangue
- Galpão da Associação das Panelleiras

Região de Goiabeiras
Escala: 1/2500



GALPÃO DE ATIVIDADES DAS PANELEIRAS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**ES 01 00 02 F60 02****11. DOCUMENTOS INVENTARIADOS****11.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Folhetos, teses e publicações referenciados no Anexo 1: Bibliografia.

11.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Não há.

11.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Realizados no processo de Inventário por Márcio Vianna e Manaíra Abreu, digitalizados no item 5 desta Ficha e relacionadas no Anexo 3: Registros Audiovisuais.

12. OBSERVAÇÕES**12.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

As pesquisas deste Inventário foram dirigidas à produção e sistematização de conhecimentos, tendo em vista a instrução técnica do processo de Registro do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras.

12.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Recomenda-se a identificação e documentação das Bandas de Congo, em especial as que têm ligação com as Paneleiras de Goiabeiras.

12.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

ES 01 00 02 F60 02

1. Importância da proteção ambiental: o mangue e o barreiro

As principais matérias-primas da atividade provêm do ambiente natural. A argila tradicionalmente usada por sucessivas gerações de paneleiras é proveniente da jazida situada no Vale do Mulembá, área vizinha ao bairro Joana D' Arc, em Vitória. Está em andamento, um projeto polêmico para a instalação de uma estação de tratamento de esgoto que ocuparia parte da área do barreiro. Teme-se o impacto que esse empreendimento possa causar, não apenas pela contaminação física do barro, mas também pela contaminação da imagem do produto, enquanto utensílio culinário.

O manguezal, habitat da espécie vegetal da qual se extrai a tintura do tanino, tem sido objeto de pesquisas e tema de programas de educação ambiental da Universidade, entre os quais o trabalho com os casqueiros, para orientação da coleta da casca do mangue-vermelho. Constata-se, também, ações do poder público municipal, no sentido de conter as ocupações irregulares. O manguezal tem sido explorado enquanto rota turística, associada a programas de preservação do ambiente natural e das atividades a ele relacionadas, como as das desfiadeiras de siri, das paneleiras, dos catadores de caranguejos e coletores de ostras e outros mariscos.

2. As Paneleiras de Goiabeiras e a identidade cultural capixaba.

A atividade das paneleiras tem sido muito apoiada e valorizada pelas instâncias políticas locais, numa promoção crescente de sua imagem e de seus produtos como ícones da identidade cultural capixaba. A construção do galpão da Associação e a disponibilização de um caminhão para transporte do barro são exemplos do apoio da Prefeitura Municipal de Vitória. Programas de desenvolvimento do turismo, reforçados pelos meios de comunicação, têm incrementado a visitação do Galpão da Associação e a participação das paneleiras em eventos fora do estado, representando o Espírito Santo em diversas partes do país. Na linha de fomento, com o objetivo de agregar valor à forma de apresentação do produto, está em andamento um projeto do SEBRAE-ES para a implantação de uma oficina de embalagens para as painéis de barro, na comunidade de Goiabeiras.

3. A questão da autenticidade da panela de barro de Goiabeiras.

A valorização da panela de barro de Goiabeiras teve, como consequência, o aparecimento de imitações feitas por numerosas olarias de pequeno porte, instaladas à beira da estrada que liga Vitória a Guarapari, via de maior fluxo turístico do Estado. São vendidas a preços menores do que as de Goiabeiras, porque são feitas com técnicas que permitem uma maior produção em menos tempo, utilizando a modelagem em torno e a queima em forno. Ali, as painéis são queimadas juntamente com folhas de determinadas espécies, cuja fumaça causa o escurecimento da panela, eliminando a etapa do açoite com a tintura de tanino. Seus fabricantes imitam a forma e a cor das painéis de Goiabeiras, o que permite que umas sejam confundidas com as outras por olhos menos atentos e por aqueles que não tiveram contato com as tradicionais painéis de barro. Além disso, a resistência inferior das imitações, que reduz a sua durabilidade, pode ser comprovada durante o uso.

Como forma de proteção de seu produto, as paneleiras estão utilizando um selo impresso em papel adesivo, que identifica a panela quanto à sua procedência. Entretanto, como a informação só permanece enquanto a panela não é utilizada, recomenda-se verificar o interesse e a viabilidade de se propor um selo de identificação gravado na massa, antes da queima.

Caso o ofício venha a ser registrado como bem do patrimônio cultural brasileiro pelo IPHAN, no Livro dos Saberes, é recomendável a produção de material promocional compatível.

13. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

MATERIAL DE PESQUISA ANALISADO	Entrevistas de campo – Questionários de 01 a 63; Referências bibliográficas e audiovisuais – Levantamento Preliminar (ver anexos 01 e 02 – INRC)
PESQUISADOR(ES)	Augusto Drumond Moraes, Luciano Santos Nascimento e Sheila Gomes – entrevistadores; Gerson Dalfior Vidal, Suely Pereira dos Santos e Tereza Carolina Frota de Abreu – 6ª sub-R / 6ª SR/IPHAN; Ana Cláudia Lima e Alves – DID/IPHAN.
SUPERVISOR	Tereza Carolina Frota de Abreu

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	ES 01	00 02 F60 02
---	--------------	---------------------

REDATOR	Ana Cláudia Alves, Tereza Carolina Frota de Abreu, Alessandra D'Aqui Velloso, Felipe Berocam Veiga, Marina Caldas Verne	DATA 12/09/2002
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Tereza Carolina Frota de Abreu	